

António Maria Lisboa e Mário Cesariny : o *Corpo Enriquecido* ou a Reconstituição do Corpo Uno

A obra poética de António Maria Lisboa sobressai no panorama do Surrealismo português, como afirmação de uma outra forma de realização mental assumidamente poética, que se pretende afirmar como um novo modo de pensar e de agir, conducente à realização total do indivíduo, constituindo-se como uma referência fundamental para artistas como Mário Cesariny.

Partindo do conceito de *Corpo Enriquecido*, materializado no encontro e união com *Sagir*, a *Mulher-Mãe*, de António Maria Lisboa, identificam-se na obra plástica de Mário Cesariny territórios de convergências intertextuais centrados na problemática do corpo reconstituído, reveladores de uma transmigração do poético para o plástico.

Em sintonia com a poética de António Maria Lisboa, o estudo das “Meninas Poesia” de Mário Cesariny, evidencia nestas representações a afirmação da identidade poética do artista, assumida como expressão e realização integral do indivíduo que reúne em si a multiplicidade, potenciadora da expansão na totalidade.

A poética e plástica surrealista traduzem frequentemente na sua *praxis* a aspiração à totalidade do ser, materializada na união ou conciliação das polaridades, conducente à libertação de todas as contingências do indivíduo e reintegração numa harmonia universal.

A obra literária de António Maria Lisboa, em sintonia com o pensamento surrealista, mantém a convicção na conquista poética de uma existência enriquecida, concretizada numa outra forma de pensar e de agir, que proporcione ao indivíduo a realização da unidade. Nesta perspectiva, o reencontro com o Feminino, significa a recuperação da verdadeira identidade: a confirmação de uma existência unificada integrada numa dimensão cósmica, potenciadora da transformação do indivíduo e da sociedade.

Para António Maria Lisboa o encontro e união com *Sagir* a *Mulher-Mãe*, entendido como recuperação de uma experiência sensorial oculta de unidade psíquica e corporal, significam a “concreção do corpo”, isto é, a dissolução e solidificação num só corpo, expandido e realizado na totalidade. O “esforço de concreção”, a união do masculino com o feminino, materializa a realização completa do corpo, a “integração dos opostos da realidade num ser mais rico.”

A obra plástica e literária de Mário Cesariny, em sintonia com o pensamento de António Maria Lisboa, expressa a procura de uma identidade poética, reflexo do ser enriquecido que concentra em si a multiplicidade, assumido como expressão e realização integral do indivíduo. *Perfecto Cuadrado*, em *Palavra/ Imagem: Confluências*, identifica na obra do autor “um projecto (realizado



FIG. 1 · M. Cesariny, *Como um ser inorgânico*, 1956; objecto e colagem sobre madeira, 24,5 x 19,5 cm; col. particular



FIG. 2 · M. Cesariny, *Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?*, 2000; acrílico e plástico s/ lixa colada em tela, 60,7 x 49,6 cm; col. particular

na medida do humano) de totalidade”, concretizado na convergência da expressão plástica e verbal.

O *picto-poema* *Como um Ser Inorgânico* (FIG. 1) - obra que integra numa mesma unidade compositiva e significativa excertos do texto *Operação do Sol* de António Maria Lisboa e elementos visuais - evoca a reintegração do ser, expandido na sua totalidade, numa unidade cósmica. A composição distingue-se não só pela clareza cromática e simplificação da execução, sem recurso a valores matéricos ou texturais, mas também pela redução formal dos elementos compositivos, numa aproximação às palavras de António Maria Lisboa.

No texto *Operação do Sol*, que se encontra na base da concepção da obra, António Maria Lisboa descreve a aventura ou experiência do encontro, conducente à transformação e enriquecimento do indivíduo. O autor defende a necessidade de uma outra linguagem, uma manifestação profunda do *Corpo* que vá para além dos sentidos, que proporcione ao indivíduo a experiência da *Unidade*, um conhecimento de si próprio e do ritmo universal. A poesia, a “Negra Actividade Poética”, possibilitará ao Indivíduo estabelecer uma ligação com o Cosmos, “um movimento incessante de enriquecimento comum.” Ao realizar a Unidade, o Homem pode finalmente afirmar-se como “Ser Inorgânico - Corpo” com uma “Existência Cósmica”. Neste sentido, António Maria Lisboa propõe o Amor como força convergente, o “caminho dissolvente” para a reconstituição do corpo uno e a fusão com o Universo. Mário Cesariny aproxima a ideia do “Ser Inorgânico”, integrado em toda a sua extensão e pluralidade numa “Existência Cósmica”, à imagem do círculo ou da esfera. António Maria Lisboa, numa carta endereçada a Mário Cesariny, onde clarifica a sua posição relativamente à *Metaciência*, recorre à imagem da esfera para ilustrar a posição do poeta ou do Mago - detentor de todos os poderes e capacidades - no “Centro da Esfera do Universo”: “A Metaciência pretende entre outras coisas dar ao homem, ao Poeta a sua posição no Centro da Esfera deste Universo, que o mesmo é dizer fazer que o Poeta possua no seu cérebro todos os raios da esfera deste universo.”

Ao conquistar o auto-conhecimento o Homem expande-se no Universo e o Universo unifica-se no Homem “pois este é a projecção do Homem e o Homem a Concreção do Universo a um Ponto.” Numa composição mais recente (FIG. 2), Mário Cesariny recorre a uma solução cromática e formal semelhante para colocar uma série de questões existenciais: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?”. À semelhança da composição anterior a esfera, signo da unidade e



FIG. 3 • Mário Cesariny, *Sem título*, n.d; esferográfica e café s/ papel, 16 x 14,5 cm; col. particular



FIG. 4 • Mário Cesariny, *Naniôra - uma e duas*, 1960; têmpera e verniz sobre cartão, 41 x 38 cm; col. F.C.G./C.A.M.J.A.P.

do absoluto, de onde tudo provém e ao qual tudo retorna, expressa a convergência do múltiplo ao uno ou inversamente a expansão ou dispersão da unidade.

A afirmação do Poeta, entendido como ser enriquecido que reúne em si a multiplicidade, potenciadora da expansão do indivíduo e da sociedade, é um dos traços marcantes da obra de Cesariny. A produção plástica é pautada em toda a sua extensão pela presença de características figuras femininas, representadas em traços esquemáticos, com corpo tendencialmente triangular e com cabeça em forma de estrela, sol ou flor, apresentadas segundo a lei arcaica da frontalidade. Estas figuras, que atravessam a sua obra de uma forma quase inalterável, surgem como uma metáfora do próprio autor: a afirmação de uma identidade poética, assumida como afirmação do ser unificado, realizado em toda a sua extensão.

Em desenhos pertencentes a uma fase inicial, dominada pela experimentação matérica (FIG. 3), são já visíveis figuras femininas com corpo tendencialmente triangular e cabeças em forma de cone ou de estrela, representadas de forma simplificada, juntamente com outras personagens. Esta representação que o autor designa como “Menina Poesia” ou “Menina-Sol” e que se mantém quase inalterável ao longo da sua obra, torna-se numa imagem identificativa do universo simbólico do autor. De uma forma explícita, nas portadas das janelas do seu atelier, Cesariny representa um rosto no característico corpo triangular, como afirmação da sua identidade poética. Em baixo pode ler-se a frase: “Cesariny was here 1972”. Ao lado, numa composição monocromática, uma outra figura feminina com cabeça em forma de Sol e com uma varinha ou bastão numa das mãos, recorrente noutras composições, reforça a identificação do autor com esta imagem.

Naniôra, uma e duas (FIG. 4), de 1960, expressa de forma clara a multiplicidade do ser e a convergência da dualidade no corpo uno. A composição, a têmpera e verniz, representa uma paisagem marinha, azul nocturno, marcada pela presença de duas figuras femininas com o característico vestido, apresentadas em posição frontal, com cabeças em forma de estrela-sol, búzio ou pássaro. A densidade matérica e formal, com recurso a incisões e raspagens, conferem à

composição profundidade, dinamismo e intensidade expressiva, enquanto o predomínio do azul mergulha a composição numa peculiar tranquilidade.

O título, *Naniôra, uma e duas*, sugere simultaneamente a expansão ou polarização da unidade primordial e a reintegração das polaridades num só corpo. O *um*, imagem da totalidade, comporta o múltiplo, produz o *dois*. O *um*, origem e fim de todas as coisas, é o princípio de onde tudo emana e a onde tudo regressa, num movimento que compreende a “geração do múltiplo” e a “redução do múltiplo ao um”. A duplicidade da personagem *Naniôra* confirma a pluralidade do ser e anuncia a convergência ou reintegração dessa polaridade num só corpo, através da reunião e conciliação dos opostos.

No mesmo sentido, António Maria Lisboa em *Alguns Personagens*, afirma a pluralidade da existência, “não já só *terrena*, mas universal, não já só dum tempo, mas de muitos tempos”. A consciência da multiplicidade do ser conduz à “exigência duma completação”, à procura de uma existência unificada. O encontro com o Amor “refaz assim toda a sorte de vidas, de experiências passadas, num esforço de concreção”. A união do masculino e do feminino, resultado da integração e unificação dos opostos, anuncia um novo ser, integrado numa existência cósmica capaz de se orientar “no enredo absurdo da realidade”.

No contexto da obra literária de Cesariny, a personagem *Titânia*, encarna a pluralidade do ser e a sua concretização num corpo uno. No início da narrativa, o duplo nascimento de *Titânia*, expressão de uma natureza andrógina, significa a realização plena no múltiplo. No primeiro nascimento “não nasceu nada que se aproveitasse: aquele corpo *seria* o de *Titânia*, não era ainda o corpo de *Titânia*. [...] Ficou pois a nada-viva muito quietinha sobre o meio das ondas”. Finalmente, com o segundo nascimento completa-se o ser: “nasceu rapaz e chamou-se *Titanim*”.

Por sua vez, a descrição do sonho de *Titânia* expressa o retorno à plenitude da unicidade fundamental, numa dinâmica que visa a redução do múltiplo ao uno. A constante mutação dá lugar ao fixo e imutável. A convergência da multiplicidade de seres num corpo comum abre a consciência a um plano de “insuportável nitidez”:

[...] *Sol e Lua brilhavam reunidos, com misturados efeitos específicos. A anulação do Tempo era tão forte que Titânia desmaiou. Teve então um sonho estranho, que nem mesmo a Poesia poderá descrever: um país sem contornos onde todas as coisas eram outras e onde a perpétua transmutação de imagens atingia o fixo, o plano, o imutável. E num raio de treva resplandecente, [...], Oberon Coroado, Oberon Manto Negro, Oberon de Perfil e Oberon Menino juntavam num só corpo todo o corpo de Carlos. Olhou em volta e tudo era só luz (só sombra) de insuportável nitidez (pureza). Estava noutra local; talvez outra cidade?*

No mesmo sentido, António Maria Lisboa em *Erro Próprio* descreve a descida à substância materna, concretizada no encontro final da Lua e do Sol reunidos no “Fogo dos Séculos”, como uma experiência reveladora e vivificante: “Sombras sonoras envolviam-me os passos e o som de cornetas de ouro adormeciam tudo quanto ficava para trás de mim e vivificavam o que à minha frente esperava que eu passasse”. A união alquímica da Lua e do Sol, dos princípios feminino e masculino, materializa a união e sublimação dos contrários, significa a realização da obra que conduz à transformação ou transmutação do indivíduo num ser mais puro. Após esta experiência o narrador, liberto de todas as contingências, regressa a um estado de pureza original. O reencontro com a intimidade materna, revelação de uma existência oculta enriquecida e habitada, significa a reconstituição do corpo uno. A palavra *Naniôra*, presente no título da composição,

surge num poema de Mário Cesariny como expressão de uma morte compensadora, simpática e acolhedora: “vá lá / vá lá Mário / uma morte / naniôra”. Neste sentido a morte é entendida como revelação e introdução, não é um fim em si, mas um recomeço. A morte, liberta das forças negativas e regressivas, desmaterializa o ser reintegrando-o no princípio, na origem de tudo. A morte restitui à unidade a multiplicidade do ser.

No mesmo sentido, a morte da personagem *Titânia* evoca o retorno à unidade primordial. A dissolução do ser é entendida como um retorno à matriz. Nascer e morrer fazem parte do mesmo movimento. A reintegração no estado primordial significa a libertação das contingências da matéria:

Titânia vai perder-se, acabar-se, NASCER! Já se lhe foi aos poucos a memória e o sorriso. Agora é o próprio corpo que lhe desaparece: um braço, o outro, tórax, pulmões, respiração, desejo, o intervalo das pernas. No fim subsiste a fronte, alta, livre, pura, ligada por um fio ao órgão-coração que pulsa incontrolado.

De forma idêntica, António Maria Lisboa nega a existência da morte como fim absoluto. Na carta endereçada a Cesariny afirma: “A morte não existe”. Com a integração do ser numa “Existência Cósmica”, liberta das limitações da matéria, a vida e a morte deixam de ser entendidas como contraditórias, porque tudo é simultaneamente afirmação e negação. A morte surge como condição e continuidade da própria vida.

Numa obra recente de natureza autobiográfica, *Este é o meu testamento de Poeta* (Fig. 5), Cesariny recupera a característica figura feminina de corpo triangular como afirmação de uma identidade poética, assumida como expressão integral do ser. À semelhança das obras anteriores, a composição traduz a convergência da dualidade no corpo uno, numa perspectiva que denota uma influência crescente do pensamento alquímico e esotérico.

Cesariny aproxima a imagem à do andrógino primordial da tradição alquímica, como expressão da plenitude da unidade original. A afirmação do corpo triangular, representado de forma rigorosa, evoca a transformação ou transmutação do indivíduo num ser mais puro. Na tradição alquímica a tríade implícita no triângulo, síntese do um e do dois, expressa a totalidade, a perfeição e a harmonia total. O triângulo evoca a conjunção ou unificação dos três princípios - enxofre, mercúrio e sal – indispensáveis para a realização da obra. À semelhança do processo alquímico, a união dos princípios masculino e feminino, resultado da dissolução e fusão dos elementos, exprime-se como sendo um retorno à indiferenciação original, à androginia primordial. Cesariny, no poema *O Regresso de Ulisses*, evoca a união primordial do masculino e do feminino, como imagem da plenitude do andrógino reconstituído:

DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS, ANTES DA ROBOTSTÓNICA GREGA, OS ÚNICOS HOMENS-HOMENS QUE APARECERAM FORAM OS HOMENS-MEDICINA, OS HOMENS-XAMÂS (HOMOSSEXUAIS ARQUIMULHERES). ESSES E AS AMAZONAS (SUPER-MULHERES-HOMENS). MAS UNS E OUTRAS ERAM DEMAIS DEMAIS. E DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS QUE PENÉLOPE ESPERA O REGRESSO DE ULISSES. MAS O REGRESSO DE ULISSES É O HOMEM QUE É UMA MULHER E A MULHER QUE É UMA MULHER QUE É UM HOMEM.

Numa obra intitulada *Penélope corre ao encontro de Ulisses*, Cesariny transpõe para a pintura o tema da união primordial do feminino e do masculino, implícito no movimento de convergência de Penélope sobre Ulisses. Num estudo para uma escultura, Cesariny projecta uma personagem



FIG. 5 · Mário Cesariny, *Este é o meu testamento de Poeta*, 1994; acrílico s/ serigrafia, 65 x 48,5 cm; col. particular

andrógina que integra no mesmo corpo elementos formais de natureza fálica, seios femininos e membros masculinos e femininos, conforme as indicações escritas no próprio desenho. Em *Concreção de Saturno*, Cesariny propõe a fusão dos contrários materializada na figura do “Homem-mãe” como destino e afirmação de liberdade: “Homem-mãe / [...] O único fim que eu persigo / É a fusão rebelde dos contrários as mãos livres os grandes transparentes.”

No *Manual de Prestidigitação*, o autor decompõe alguns mitos “propostos à circulação pelo autor”. Em *O Homem-Mãe* o jogo fonético das duas palavras converge para a palavra OMÂIE, que traduz a junção das duas palavras e que tem o mesmo som da palavra *Homem*. A sonoridade da palavra *Homem* tem implícito o encontro do masculino com a entidade materna.

Em *Este é o meu testamento de Poeta* (Fig. 5), a aproximação da imagem do poeta à do andrógino primordial reconstituído, expressa o ser universal realizado na sua totalidade. A coexistência de signos masculinos e femininos num corpo comum implica, não uma anulação da dualidade, mas a manutenção das contradições compreendidas sinergicamente num só corpo.

No mesmo sentido, António Maria Lisboa na reflexão acerca do poeta, referida anteriormente, defende a necessidade de uma “meditação global” que conduza a uma “unificação dos contrários” sem que isto signifique uma perda de identidade. A união do masculino e do feminino, respeitando as diferenças, deve “tender para um denominador comum – que não é a dessexualização ou assexualização mas a integração dos opostos da realidade num ser mais rico”. O poeta representa este ser de excepção que, ao reunir em si a multiplicidade, passa a integrar uma “existência não só terrena mas universal”. António Maria Lisboa aproxima a imagem do Poeta ao Mago da tradição alquímica, detentor de todos os poderes e capacidades, impulsionador da acção e da transformação: “O poeta é portanto um Mago - possuidor das forças das coisas

Pai – ai.

Mãe – em.

Um ai.

Em.

Homem.

Ó Mãe.

M HOMEM

EI OMÃE

MÃE MÃE

OMÃE IE

HOMEM

superiores e das coisas inferiores que se darmos uma volta à esfera trocam de posições.” O autor aproxima a atitude do Poeta à dos Magos medievais que tinham como objectivo o conhecimento absoluto: “[...] aqueles que não conhecem as limitações do que quer que seja, melhor: aqueles que conhecem as limitações de tudo e tudo transmutam libertando novas forças, forçando outras.” À semelhança da poética de António Maria Lisboa, Cesariny aproxima a sua imagem de Poeta à do Mago da tradição alquímica, detentor de todos os conhecimentos, em harmonia consigo próprio e com o ritmo universal. Na composição *Este é o meu testamento de Poeta* (FIG. 5), a varinha nas mãos da figura, símbolo do poder das artes mágicas, representa a capacidade de realização do Poeta, capaz de transmutar a realidade, agindo no sentido do seu próprio enriquecimento. Atrás, um pequeno poema exalta o pensamento poético de António Maria Lisboa, como linguagem subversiva e transformadora: “a poesia! a poesia! / e não este lamento / esta linha de nojo que frustra a Voz / [...]” Cesariny, num desenho dedicado ao autor, que reúne a palavra e elementos gráficos da imagética do autor, refere-se mais uma vez a António Maria Lisboa como a “Voz”.

Numa outra composição (FIG. 6), uma figura semelhante às anteriores, reforça a proximidade do Poeta ou da “Menina Poesia”, como é entendido pelo autor, ao Mago da tradição alquímica. A figura feminina com a cabeça em forma de estrela-Sol, metáfora do ser renascido poeticamente, está sobre um livro, pairando acima dos limites humanos, como afirmação do poder actuante da palavra poética.

Sob a acção mágica da personagem o espaço assume uma dinâmica expansiva de formas, linhas e cores que se propagam para lá dos limites pictóricos. Ao realizar a unidade, a união do masculino e do feminino, o Poeta ou o Mago expande-se e polariza-se na totalidade do Cosmos. Em *O Mago*¹ de 1969, uma composição de cariz abstracto, a ausência da figura humana expressa o entendimento do Mago como um ser imaterial liberto das contingências da matéria, imerso na totalidade do Cosmos.

Numa outra obra² datada de 1974, a figura feminina de corpo triangular, com cabeça em forma de cravo e a característica varinha, metáfora da capacidade de realização do Poeta, encarna o espírito da revolução. Mário Cesariny transforma a Revolução de Abril numa conquista poética, onde a transformação interior conduz à transformação da própria sociedade.

A obra de Mário Cesariny, em sintonia com o pensamento de António Maria Lisboa, exalta o ser transformado poeticamente, expressão do corpo enriquecido, simultaneamente masculino e



FIG. 6 · Mário Cesariny, *Sem título*, n.d.;
têmpera e verniz s/ papel colado em tela,
29,5 x 23 cm; col. Antiks Design

feminino, detentor de todos os poderes e capacidades – unificado e expandido na totalidade. O estudo das “Meninas Poesia”, apoiado na poética e narrativa do autor, permite reconhecer nestas representações uma idealização da imagem do próprio autor. Em sintonia com o pensamento de António Maria Lisboa, Cesariny aproxima a identidade do poeta, implícita nestas representações, ao mago da tradição alquímica, detentor de todos os poderes e capacidades, impulsionador da acção e da transformação.

Referências

- Cesariny, Mário - *Titania: História Hermética em três religiões e um só Deus verdadeiro com vistas a mais luz como Goethe queria*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1994.
- Cesariny, Mário - *Pena Capital*. Lisboa: Assírio & Alvim, 3ª ed., 2005.
- Cesariny, Mário - *Manual de Prestidigitação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005.
- Chevalier, Jean; Cheerbrant, Alain - *Dicionário dos símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Figuras, Cores, Números*. Trad. Cristina Rodriguez, Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.
- Cuadrado, Perfecto E. - *Palavra / Imagem: Confluências*. In Pinharanda, João Lima; Cuadrado, Perfecto E., *Mário Cesariny*. Lisboa: Assírio e Alvim, Novembro 2004, pp. 217-226.
- Lisboa, António Maria - *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995 [texto estabelecido por Mário Cesariny de Vasconcelos].
- Rocha, Michele - *A Representação do Feminino no Surrealismo Português*. Tese de Doutoramento em Belas-Artes/Pintura [texto policopiado]. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2010.
- Roob, Alexander - *O Museu Hermético. Alquimia & Misticismo*. Londres: Taschen, 1996.

(1) *Idem*, *O Mago*, 1969; têmpera e verniz s/ papel colado em platex; 38,5 x 51 cm; col. particular.

(2) Mário Cesariny, *Sem título*, 1974; acrílico, tinta-da-china e aguada s/ papel, 31 x 21,5 cm; col. particular.